
A FEIRA MÍSTICA BRASILEIRA*

Renato Somberg Pfeffer**

Resumo: o sincretismo religioso da feira mística brasileira é marcado pela fusão de cultos. Esta feira não está imune ao comércio com o transcendente, típico da pós-modernidade, mas se faz com as cores do país: é um comércio sem culpa, sem medo de sanção, público e festivo. O presente artigo pretende discutir o processo de interação, convivência e fusão dessas expressões religiosas.

Palavras-chave: Brasil. Feira mística. Religião. Sincretismo.

Ao contrário do supermercado religioso pós-moderno, onde as pessoas adquirem ensinamentos e rituais de diversas crenças para compor uma forma personalizada de venerar o sagrado, o sincretismo religioso da feira mística brasileira é marcado pela fusão dos cultos. É lógico que o Brasil não esteve imune ao comércio com o transcendente, típico da pós-modernidade. Mesmo esse processo, no entanto, se fez com as cores do País: foi um comércio sem culpa, sem medo de sanção, público e festivo. As expressões religiosas brasileiras sempre se caracterizaram pela falta de contornos rígidos, mas, ao contrário das religiões pós-modernas que não possuem o rompimento de nível que caracteriza as verdadeiras religiões, conseguiram manter seu encantamento. A mestiçagem cultural foi a marca do Brasil desde a descoberta e o fator fundamental constitutivo de sua identidade cultural. O presente artigo pretende discutir o processo de interação, convivência e fusão dessas diferentes expressões religiosas.

* Recebido em: 11.12.2016. Aprovado em: 02.02.2017.

** Doutor em Filosofia, Tecnologia e Sociedade. Título obtido pela Universidade Complutense de Madri e revalidado pela Universidade Federal de Juiz de Fora em Ciência da Religião. Professor Adjunto da Faculdade Ibmecc-MG e pesquisador da Fundação João Pinheiro/MG. E-mail: renatopfeffer@yahoo.com.br.

HERANÇA CATÓLICA DO PERÍODO COLONIAL

As Reformas Protestante e Católica no início dos tempos modernos significaram o surgimento de uma nova sensibilidade religiosa. Foram contestados os ritos litúrgicos medievais, ao mesmo tempo em que se buscava uma prática mais interior, em que o comportamento cotidiano dos indivíduos e a pureza da doutrina eram o que importava. No Brasil, porém, a união Estado-Igreja, durante o período colonial e imperial, impediu essas influências do reformismo católico. Hesitou-se em despendar a receita dos dízimos para sustentar o culto e, por outro lado, após 1750, o déspota esclarecido Marquês de Pombal retirou a autonomia das ordens regulares. Desse modo, ao contrário da tendência europeia, a Igreja Católica no Brasil continuou presa às tradições medievais portuguesas. Ao mesmo tempo, sofria forte influência de costumes indígenas e africanos (ROSADO-NUNES *apud* SOUZA; MARTINO, 2004)

A Religião Católica brasileira permaneceu cercada de práticas mágicas que asseguravam vantagens terrenas aos fiéis. Os santos e Nossa Senhora eram invocados em todos os momentos: para curar doenças, proteger contra flagelos naturais, realizar casamentos, localizar objetos perdidos. Cumprir sacramentos e executar ritos funerários eram uma pré-condição para a salvação. As casas viviam entulhadas de imagens sacras às quais se dirigiam pedidos. Tais imagens eram parte integrante da família. Promessas, romarias aos santuários, festas religiosas e procissões eram e são parte do cotidiano brasileiro (FREYRE, 1992). A dificuldade de distinguir o cristianismo das tradições indígenas e africanas presentes nessas práticas, provavelmente, é responsável pelo início sincretismo religioso brasileiro.

As irmandades foram a expressão dessa religiosidade colonial. Eram organizadas de forma espontânea pelos devotos e, na maioria das vezes, eram as responsáveis pela organização das procissões e festas. Prestavam ainda socorros médicos e auxílios financeiros. A limitada vida social daquele tempo era organizada por essas irmandades em torno de cerimônias e acontecimentos religiosos. Nesses momentos religiosos, os limites morais que a doutrina impunha e certos comportamentos, como o concubinato e a feitiçaria, eram quase sempre ignorados. Eram nesses momentos que o sincretismo se manifestava com toda sua força.

Dessa história resulta um País cuja cultura se formou a partir de um *ethos* cristão, católico especialmente. Ao mesmo tempo, o sincretismo com outras religiões sempre esteve presente, forjando um catolicismo popular muito distante do catolicismo romano. O parco clero, a ausência de uma catequese e educação religiosa formais, o intenso contato com rituais indígenas e africanos criaram a possibilidade de se desenvolver um “catolicismo dos trópicos [...] com pouca

- catequese e muita liberdade” (ROSADO-NUNES *apud* SOUZA; MARTINO, 2004, p. 28), que possibilita à mesma pessoa ser pai-de-santo, católico, kardecista, simpatizante de ritos orientais, tudo ao mesmo tempo. O clero, por sua vez, nunca se importou muito com a múltipla pertença vivida pelos crentes, talvez por saber que dessa postura dependia a sobrevivência católica no Brasil.
- O catolicismo, que outrora garantiu a integração social, racial e cultural do país, viveu uma profunda crise nas últimas décadas do século XX. Apesar da crise, o monoteísmo cristão – ainda predominante, seja na sua forma católica ou protestante – convive em harmonia com o animismo e totemismo indígena, com o fetichismo africano e com influências orientais. Nessa interação, expressa-se o sentimento religioso profundo do brasileiro, especialmente entre as camadas populares, claramente necessitadas de consolo. O brasileiro busca no sagrado uma interpretação para as normas que regem o mundo. Mais do que isso, ele quer manipular essas normas por meio da magia propiciada pelo sincretismo.
- O declínio do catolicismo vivenciado nas últimas décadas é parte de um processo mais amplo: o afastamento do tradicionalismo religioso no Brasil. Três religiões claramente tradicionais, cada qual à sua maneira, mostram sinais de declínio nas últimas décadas: além do catolicismo, encontram-se na mesma situação o protestantismo de imigração e a Umbanda. O primeiro, considerado como fundante da civilização brasileira; o segundo, originado nas ondas imigratórias do século XIX; a terceira, considerada por muitos a religião nacional por excelência devido à sua estrutura sincrética. Tais fatos deixam patente que o Brasil está, como sempre esteve desde o início da colonização, “na rota da destradicionalização” e mergulhando “nas águas inconstantes do pós-tradicional” (PIERUCCI, 2004, p. 27).
- O declínio das religiões tradicionais só reforça a ideia de que a relação do brasileiro com o sagrado vai muito além das instituições estabelecidas. A crise das instituições religiosas tradicionais que se veem obrigadas a conviver com formas mais subjetivas de vivenciar o sagrado é um fenômeno mundial, não só brasileiro. A especificidade do caso brasileiro está no fato de que a maneira como o sagrado tem sido vivido na modernidade não é uma novidade país, ela faz parte de sua herança histórica.

PLURALISMO E SINCRETISMO RELIGIOSOS NO BRASIL

Durante muito tempo, o sincretismo religioso no Brasil foi concebido como uma forma de resistência cultural de uma classe oprimida à dominação exercida pela outra. A veneração das próprias entidades era realizada de forma dissimulada pelos dominados, ao mesmo tempo em que fingiam estar adorando os deuses dos dominadores. A associação de um Orixá com um santo católico, por

exemplo, era uma estratégia dos escravos para manter suas crenças e enganar seus senhores. Outras correntes sugerem que o sincretismo, na verdade, era um método dos dominadores para impor sua religião de forma sutil. Neste sentido, tomando como referência o mesmo exemplo, os Orixás e os santos teriam sido associados pelos brancos para fazer os negros absorver mais suavemente sua cultura.

Droogers (1989, p. 7-25) trabalha o conceito de sincretismo como mistura de religiões que possui um duplo sentido: de um lado neutralidade, de outro inclui uma avaliação subjetiva da mistura. Segundo Droogers, foi a partir do século XVIII que o conceito passou a ter um aspecto negativo designando reconciliação ilegítima de teologias opostas, ou mesmo heresia contra a verdadeira religião. No Brasil, diversas publicações difundiram esse sentido negativo. Isto chega a tal ponto que a palavra sincretismo é

considerada maldita e provoca mal-estar em muitos ambientes e em muitos autores. Diversos pesquisadores evitam mencioná-la, considerando seu sentido negativo, como sinônimo de mistura confusa de elementos diferentes, ou imposição de evolucionismo e do colonialismo (FERRETI apud CAROSO; BACELAR, 1999, p. 113).

As duas abordagens descritas acima possuem uma perspectiva dualista que deve ser superada. O sincretismo é um fenômeno cultural que extrapola as religiões. Todas elas, por sua vez, são sincréticas. No Brasil, o sincretismo está presente de forma explícita nas religiões afro-brasileiras, mas também pode ser encontrado nas religiões Católica, evangélicas e pentecostais. Barreto (1986) define o sincretismo no Brasil como um conceito utilizado pela antropologia para caracterizar o fenômeno religioso originado do encontro das religiões trazidas por escravos africanos, do catolicismo e do kardecismo. De forma mais ampla, se poderia considerar sincretismo toda forma de hibridismo religioso que ocorre de maneira constante ao longo da história das religiões, marcado pela fusão de duas ou mais crenças.

Deixando de lado o preconceito frente ao tema, este artigo propõe que a história brasileira torna evidente nossa estrutura sincrética. Povos de procedências diversas estão presentes em nossa origem. Roberto da Matta afirma que para conhecer o Brasil

devemos dar mais atenção a palavras como ‘misturas’, ‘confusão’, ‘combinação’ e outras mais, que designam aquilo que verdadeiramente é necessário conhecer: os interstícios e as simultaneidades ou, como tenho afirmado no meu trabalho, as relações (MATTA, 1993, p. 129).

A feira mística brasileira é repleta de fusões, superposições, ramificações, influência externas, autorreflexões. O Brasil vive um clima de magia espiritual em que acredita ser capaz de decifrar o futuro, curar o corpo, decidir o destino. De forma paradoxal, a modernidade racionalista e individualista é afirmada e negada ao mesmo tempo. O pluralismo religioso brasileiro parece obedecer a dois movimentos simultâneos: multiplicação de um lado e relativa homogeneização de outro. No campo da diversidade e multiplicação, a história religiosa brasileira possui dois filões básicos: o cristianismo e o universo “afro”. O primeiro, originado na herança colonial católica; o segundo, referente às experiências trazidas pelos escravos africanos.

O filão cristão originou-se do catolicismo que foi a religião oficial da colonização brasileira e funcionou como um elemento de coesão social desse empreendimento. Apesar de manter seu poder, o catolicismo já não é a única expressão do cristianismo. O dogmatismo tradicional católico vem sendo desafiado pelo protestantismo histórico e pelos pentecostais. As Igrejas protestantes tradicionais estão vivas e recrutando jovens, depois de décadas de estagnação. As Igrejas Pentecostais, no entanto, são o campo mais dinâmico do cristianismo brasileiro. O pentecostalismo, entrado no Brasil no início do século XX, tem como marca a ruptura com as tradições religiosas brasileiras. A transição do catolicismo tradicional ao pentecostalismo representa o trânsito da cultura tradicional católica-afro-brasileira para a cultura moderna da escolha individual.

O filão afro, por sua vez, tem como principais representantes o Candomblé e a Umbanda. Originários da África, refizeram no Brasil seu universo simbólico. O universo religioso afro é muito mais que a repetição das religiões africanas. Este mundo recria-se de forma constante, às vezes reivindicando sua autonomia, outras vezes assimilando influências do espaço religioso brasileiro. Entre as influências recebidas, destacam-se a cristã, a espírita, a Nova Era e os cultos orientais, como o Budismo, o Hinduísmo.

A HOMOGENEIDADE RELIGIOSA NO BRASIL

Se por um lado as religiões brasileiras tendem à multiplicação, por outro possuem elementos profundos de homogeneização. Existe um clima espiritualista no Brasil marcado por forças espirituais que povoam a mentalidade dos brasileiros. Em toda parte é detectada essa dimensão encantada e, muitas vezes, assombrada. Permeia a sociedade brasileira um processo de duplicação de personalidade quando se analisa a comunicação entre o homem e o sagrado. O fenômeno da possessão seria o ápice desse diálogo. Os sistemas simbólicos das diferentes religiões se comunicam o tempo todo. Santos viram Orixás, santos se transformam em demônios. Vive-se um clima de “vale-tudo” religioso.

Outra característica do espaço social das religiões brasileiras é a relativização das certezas e emoções cambiantes. As verdades objetivas são substituídas por emoções e projetos simbólicos. É a razão perdendo espaço para emoção, é o crer em vez do saber. Trata-se de assumir uma atitude subjetiva típica do mundo pós-moderno. “A evocação (através do símbolo) nunca é totalmente determinada: sempre sobra para o indivíduo uma parte considerável de liberdade”. (SPERBER, 1974, p. 147). Cada crente busca um sentido no universo, porém, um sentido “para si” que tende a não se sujeitar às propostas rigorosas de instituições estabelecidas. No mercado religioso, o homem adquire vários produtos e compõe um universo particular cheio de significação.

A cristianização ocorrida no Brasil com a colonização nunca conseguiu apagar o sagrado pagão que permaneceu na mentalidade do povo. O “primitivo” convive no Brasil com a dimensão racional, ética e transcendente. Essa forma de sagrado pagão está enraizado carnalmente em todas as religiões brasileiras. Essas religiões parecem protestar contra a racionalização excessiva das grandes religiões ocidentais. A pós-modernidade religiosa no Brasil parece resgatar os paradigmas da pré-modernidade. Busca-se o fundamento da religião na emoção, no sagrado e no simbólico.

Uma última característica da homogeneidade das religiões brasileiras: entre as diversas identidades institucionais, “as diferenças são vivenciadas na forma de indecisões, de cruzamentos, de porosidade e pertença dupla, de contaminação mútua” (SANCHIS, 1997 p. 37). É uma característica explicada pela história, pois o Brasil foi, desde sempre, plural e mestiço. No amplo espaço territorial brasileiro se encontraram as identidades de três povos. Apesar de esse encontro ter sido essencialmente desigual, marcado pela dominação e etnocídio, ocorreu em seus interstícios o jogo das identidades. Porosidade e contaminação mútuas entre identidades nunca unificadas. Tradições indígenas, africanas e católicas se misturaram – e se misturam – em um caldeirão que processa as diferenças. O confronto de matrizes, essa mútua contaminação, concebe um universo povoado de elementos sagrados e de modelos de conduta ética. Ao modo da pré-modernidade, o Brasil vivencia o terreno do sincretismo.

Essa mesma pré-modernidade convive e se confronta com surtos de modernidade. O racionalismo e a exigência de definição identitária fazem surgir segmentos religiosos que buscam purificar as tendências sincréticas. Kant parece se referir ao Brasil quando afirma: “nenhum meio termo moral, nem em ações, nem em caracteres humanos, dentro da medida do possível, porque em tal ambigüidade todas as máximas correm o risco de perder sua determinação e solidez” (SANCHIS, 1997, p. 37). É o pensamento moderno atirando contra o sincretismo pré e pós-moderno.

Sanchis (1997) levanta a hipótese de que duas relações dialéticas parecem orientar as religiões brasileiras. Diversidade institucional versus homogeneidade de

problemática de um lado, sincretismo versus identidades excludentes de outro. Pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade superpõem-se em um processo de definição e gerenciamento de identidades.

Talvez o exame do campo religioso brasileiro contemporâneo possa ter-nos mostrado, entre as permanências de onde brotam as novidades, a teimosia de uma tradição (pré-modernidade?) brasileira [...] feita da articulação, nunca reduzida à unidade sistemática de identidades plurais, porosas e relativamente fluídas. Não que seja simplesmente desejável a pura reprodução deste modelo. Ele foi portador, na história nacional, de horrores demais. Mas, no seu cerne, ele talvez encerre uma virtualidade positiva permanente (SANCHIS, 1997, p. 42).

A virtualidade positiva permanente a que Sanchis se refere são os modos de ser mais antigos que, aliados às conquistas da modernidade, podem inspirar o mundo no caminho da paz.

O BRASIL DAS MISTURAS

No fundo são misturas. Misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas; e é assim que as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca (MAUSS, 1974 p. 71).

O brasileiro possui à sua disposição um manancial de crenças religiosas, o que se coaduna com sua profunda religiosidade. Essa diversidade se origina em nossa história, que foi marcada por uma pluralidade de vozes das civilizações europeia, indígena e africana. O Brasil é uma nação em “que seus habitantes se afirmam brasileiros, mas a multiplicidade de grupos e de solidariedades originais não se funda numa imagem global que seria vaga e abstrata”, porque “o vivido coletivo resiste à redução” (DUVIGNAUD *apud* FREYRE, 1992 p. 7). Essas culturas, em especial suas religiões, se mesclaram trazendo uma abundância de sentimentos, paixões e sensualidade que acompanhou o comércio do sagrado. A mestiçagem é o principal mecanismo de orientação social no Brasil. A religião tem uma presença marcante em nosso País e, por meio dela, é possível falar de nossa estrutura sincrética.

O religioso começa a operar em nossa história já no processo de conquista pelos portugueses: entre a ação racional da exploração e os sonhos e temores do desconhecido, havia a crença na conquista do paraíso terrestre. Colombo, imbuído de um pensamento finalista, portanto religioso, estava convencido de que o paraíso estava logo abaixo do Equador. Daí o ditado popular surgido no século

XVII: “não existe pecado do lado de baixo do Equador”. Sonho e realidade se entrelaçam em uma hibridação de códigos.

No período colonial e imperial, os preceitos católicos dominaram o cotidiano brasileiro. O predomínio católico era garantido pela união Igreja e Estado que só seria quebrado no início da República. Criou-se uma solidariedade comunitária graças à presença da cruz. Procissões e festas religiosas eram o ponto culminante da vida social daquela época. “A religião tornou-se o ponto de encontro de entre as duas culturas, a do senhor e a do negro” (FREYRE, 1984, p. 356).

Qual é, no entanto, o caráter da religiosidade brasileira? Ela é festiva, carnal, vivida teatralmente. É uma religiosidade mais exteriorizada em público do que experimentada no fundo de si mesmo. Sua presença marcante no País fala de quem somos, de nossa estrutura sincrética. A mestiçagem é o grande agente da civilização brasileira. A religiosidade brasileira demonstra o caráter híbrido de nossa sociedade. É a mestiçagem que nos diferencia da Europa e é nossa contribuição específica, aquilo que nos dá identidade. Nós nos “fizemos outros, graças à mistura, miscigenação e á aculturação” (COUTINHO, 1994, p. 224). O sincretismo religioso é uma pequena parte, porém fundamental, de um fenômeno geral que é o sincretismo característico da sociedade brasileira.

Os estudos de Gilberto Freyre são os grandes responsáveis pela articulação entre religião e a organização social no Brasil. Ele afirma a profunda confraternização de valores e sentimentos das culturas religiosas que compuseram o Brasil. Dessa confraternização gerou-se uma “religião doce, doméstica, de relações quase de família entre os santos e os homens, que das capelas patriarcais das casas-grandes, das igrejas sempre em festas – batizados, casamentos, festas de bandeira de santos, crismas, novenas – presidiu o desenvolvimento social brasileiro” (FREYRE, 1984, p. 249). Nessas festas misturavam-se o santo e o profano, o lírico e o carnal.

A religiosidade era avessa à ortodoxia, ascetismo e à intimidade do culto. Valorizava-se o carnal, o sensual, a pompa exterior, o que a tornava sempre aberta a acordos e conciliações. A moral rígida e os códigos fixos eram substituídos pela estética e recreação, tendo como ponto forte a efervescência da assembleia. Dançava-se e namorava-se nas igrejas até o século XIX, numa mistura de códigos e pessoas criando um mundo virtual propício à troca generalizada. A carnavalescação da vida favorecia a hibridação dos códigos ao romper o cotidiano e ser encontro de uma variedade imensa de pessoas e coisas.

As festas e as procissões possibilitam, assim, que visualizemos sob um outro ângulo o espetáculo plurívoco do elo social, sobretudo no que tange à acentuação do afetivo e do sensível e da hibridação de códigos, uma vez que, tal como o princípio da reciprocidade, a festa é o ato mesmo de produção da vida (PEREZ, 2000, p. 48).

A modernidade e as tendências de secularização chegam ao Brasil em fins do século XIX, sob forte influência positivista. Os republicanos viam na religião um obstáculo ao progresso do País e defendiam um catolicismo íntimo refugiado na consciência de cada um. Rumo à secularização, desejavam um país sem festas. O anticlericalismo republicano esbarra, no entanto, na arraigada religiosidade popular. Os positivistas ainda acreditavam que as sociedades civilizadas não possuíam a heterogeneidade brasileira. Seria justamente essa heterogeneidade que impedia o surgimento de um sentimento de identidade nacional. Da mesma forma que os portugueses que aqui chegaram no século XVI, os positivistas possuíam um novo projeto de salvação e pregavam uma nova evangelização, agora sem religião. Atacam violentamente, e sem sucesso, a hibridação dos códigos.

O povo ficou completamente indiferente aos discursos modernizantes e continuava a adotar uma conduta híbrida na adoração de seus santos ou fazendo suas promessas e mandingas. Para horror dos positivistas, as crenças e práticas de origem africana conhecem então seu apogeu, atingindo desde os setores populares até a fina flor da elite brasileira. A secularização iniciada em fins do XIX não impediu a expansão do Candomblé nem o aparecimento da Umbanda, do kardecismo, do pentecostalismo ou do neopentecostalismo. A modernidade trouxe consigo, paradoxalmente, maior diversidade e complexidade religiosa.

Cem anos depois, já no século XXI, o Brasil continua assistindo a novas formas de expressão de nosso sincretismo estrutural. Uma plêiade de expressões mágico-religiosas sincretizam umas com as outras, fazendo comércio com o transcendente. O homem religioso, na vontade de compor um universo para si, não se sujeita ao que é imposto pelas instituições. O monoteísmo dos grandes sistemas religiosos é substituído por vários Deuses mais humanos e com os quais é mais fácil comercializar. Um comércio sem culpa, sem medo de sanção, público e festivo. “É menos de verdade objetiva que se trata, na procura contemporânea do sentido religioso da vida, mas de uma emoção que tenha o som de verdade” (SANCHIS, 1997, p. 34). É a emoção se sobrepondo à razão em uma atitude subjetiva do ator religioso.

A explosão do sagrado, com suas novas formas de expressão religiosa, assusta as igrejas tradicionais e os cientistas sociais. As cidades brasileiras viram, nas últimas décadas, uma multiplicação de oferta da fé. Antigos cinemas ou teatros, tradicionais estabelecimentos comerciais tornaram-se palco do sagrado. O catolicismo tradicional perdeu espaço para as religiões de forte conteúdo emocional tais como as pentecostais e a Renovação Carismática. Religiões em que os fiéis cantam em um êxtase, abraçando-se fraternalmente, e o pregador se dirige a eles em uma linguagem fácil, como numa conversa entre amigos. Esse processo evidencia, acima de todas as críticas ao narcisismo e à mercan-

tilização pós-moderna, o quanto o religioso é ainda fonte de sentido para a existência brasileira.

A ESPIRITUALIDADE DO BRASILEIRO

O religioso brasileiro de hoje é um ser pouco fiel. Frente à pluralidade e à expansão permanente de religiões, ele escolhe atualmente uma crença que não foi a de sua infância e que, provavelmente, não será a de sua velhice. A conversão religiosa deixou de ser um drama familiar ou uma drástica mudança de vida para esse consumidor religioso. Mudar de religião hoje parece não comover mais como antigamente. Surgem hoje na biografia dos adeptos as mais variadas religiões, sem que eles assumam qualquer tipo de lealdade ou compromisso durável. Danièle Hevieu-Larger (2000) analisou os andarilhos religiosos, caracterizando-o como o oposto do religioso praticante que possui vínculos e práticas obrigatórias, normatizadas pela instituição, comportamento fixo e repetitivo. O peregrino é autônomo, móvel, modulável, individual e com práticas voluntárias.

As próprias religiões, por sua vez, também mudam visando alcançar uma nova clientela ou evitar que ela se mude de endereço. Quase sempre a intenção da mudança é competir pelos fiéis com outras religiões, e não por questões de filosofia religiosa. Essa não é uma mudança natural provocada pelas transformações sociais e culturais que exigem uma nova posição axiológica, ao contrário, a mudança é derivada de uma competição desenfreada com outras igrejas pela adesão de fiéis. Em alguns casos, igrejas dividem-se o tempo todo e a oferta se amplia. Em outros termos, mantém-se a unidade institucional, mas se oferece um leque de facetas para atender a todos os fregueses. O sucesso dos líderes religiosos está na sua criatividade para se adaptar e atrair novos devotos geradores de renda. Eles devem criar novas formas de acesso ao sagrado e contemplar as necessidades dos fiéis que querem atrair. As mudanças, que ocorrem com frequência em religiões unificadas institucionalmente, são muito mais comuns em expressões de religiosidade que carecem de unidade e sistemas burocráticos.

Essas “novas formas de religião” podem significar, em alguns casos, a volta às “origens perdidas”. Surge, então, a idéia de recuperar fórmulas mágicas, rituais, rezas, mitos, segredos etc., perdidos no tempo da escravidão. Essas tentativas são muito comuns nas religiões afro-brasileiras, em que os fiéis acreditam que a manutenção da tradição e a recuperação do passado perdido garantirá, com o aval dos Orixás, o futuro da religião. Esse tipo de “fundamentalismo” à brasileira, porém, se distancia de seus congêneres contemporâneos, na medida em que cada pai ou mãe-de-santo recupera esses elementos de acordo com

sua interpretação pessoal, o que significa, na prática, que recuperar também é inovar (PRANDI, 2004).

É importante salientar que a flexibilização religiosa, seja dos crentes ou das igrejas, não significa, necessariamente, a ausência de espiritualidade e fé no transcendente. No caso brasileiro, esta fé ou espiritualidade apresenta características bastante peculiares. Apesar da opção pelo catolicismo, os brasileiros não possuem uma noção severa de pecado, raramente vão à igreja e possuem pouca coerência interior. Não resta dúvida, no entanto, de que é profundamente religioso. Uma religião sem traumas, obsessão pela morte ou sem paixão exagerada.

Deus é tratado como alguém da família, quase um pai, a quem se recorre quando necessário. Há uma intimidade desconcertante com os santos com quem se barganham favores e promessas. Muitos brasileiros – não necessariamente católicos – preferem manter seu altar em casa a frequentar os cultos. Para as dificuldades econômicas que atravessam, a população recorre a Santo Expedito, que resolve causas urgentes, santa Edwiges, protetora dos endividados, São Judas Tadeu, que soluciona causas perdidas, São José, que ajuda os desempregados, Santa Rita de Cássia, que está ao lado dos desesperados... Os santos são vistos como homens e mulheres como nós, com fraquezas e imperfeições, que podem propiciar a crença em algo mais palpável que um Deus distante da realidade.

Do sincretismo com as culturas indígenas e africanas ficou um fatalismo de aceitar a vida tal qual o destino ordenou, no lugar do assumir os próprios atos. Em fim, vive-se a tradição religiosa de forma doce e superficial, o que não é possível com um Deus trágico ou punitivo. A espiritualidade produz felicidade em um País marcado pela exclusão (OLIVEIRA, 1997).

O retrato que se construiu no Brasil após 500 anos de civilização é pluridimensional, formado por um conjunto imenso de realidades, influências, permutas e misturas de todos os tipos. A identidade religiosa brasileira se edificou nessa grande feira cultural. A feira é o lugar que, por excelência, aglutina sociedades heterogêneas, permitindo o entendimento, a troca de produtos e o estabelecimento de interesses comuns. “No início era o mercado e, através dele, aprendeu o homem a lidar com o outro, a respeitá-lo, em muitos casos a amá-lo, no sentido evangélico do verbo” (OLINTO apud VOGEL; MELLO; BARROS, 1993, p. IX). Sendo lugar de compra e venda, a feira exige de forma absoluta a comunicação, aguça o raciocínio e desperta novos projetos.

A espiritualidade sincrética do brasileiro democratiza a sociedade, colocando os mais renomados estudiosos e religiosos lado a lado com os anônimos iletrados, todos eles íntimos de Deus. Ao contrário da religiosidade tradicional, que exige um estilo de vida altamente disciplinado, eles imbuem o cotidiano de intensa espiritualidade de uma forma leve, natural, quase irresponsável. Essa espiritualidade não é fruto de um prolongado aprendizado ou de um sentido de temor

e responsabilidade espiritual. É uma espiritualidade intuitiva, baseada na fé inexplicável e no amor profundo em um ser superior.

Se sobra aos habitantes deste País tropical a fé, a inspiração e a criatividade mental, falta-lhes desenvolver analiticamente essas ideias. O desequilíbrio entre intuição espiritual e razão provoca o estabelecimento de um clima emocional marcado pelo desejo de repartir tudo, de dar demais. É como se faltasse a esse povo um equilíbrio entre a vontade de dar e de reter, de repartir e concentrar. Mesmo sem este autorefinamento, suas soluções originadas na intuição têm funcionado. É um dom que lhes dá paciência, cria estratégias energéticas para mudanças, permite que a fé, a tolerância e a aceitação sejam cultivadas. É como se ausência de disciplina para dosar inspiração e raciocínio fosse compensada por uma aptidão natural para o equilíbrio.

O Brasil, país complexo que impede afirmações definitivas, acaba nos desviando para o caminho da poesia (BASTIDE, 1957). “Talvez mais do que poeta moldar-se em crente, crente em nossa fantástica capacidade de invenção, de combinação de diferentes modos de organização da experiência humana em sociedade” (PERES, 2000, p. 58).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mestiçagem cultural brasileira se faz por uma interação recíproca entre culturas que se encontram historicamente. Essas culturas se afetam mutuamente gerando o aporte de coisas valiosas. Muitas vezes, os símbolos culturais do outro não são respeitados, porém, a cultura dominante nunca consegue ser hegemônica. Identidades são preservadas e continuam a interagir com outras em uma constante mestiçagem. O resultado do processo é a manutenção de um estado multicultural que preserva um pluralismo cultural respeitoso e harmonioso. Assim como ocorreu no passado, cada cultura mantém sua identidade em constante interação com as outras. Aprendem, se corrigem, se mesclam sem que, com isso, percam sua identidade. Buscam sempre um equilíbrio, uma proporcionalidade, entre diferença e igualdade, assimilação e resistência. Religiões diferentes encontram, por meio da mestiçagem, seu lugar entre as demais na sua luta pela sobrevivência.

As religiões brasileiras trilharam na sua história muitos caminhos. Uma história sempre marcada pelo pluralismo e sincretismo, apesar da predominância católica. Elementos culturais estrangeiros foram recebidos, reinterpretados e mesclados com a cultura local nos últimos 500 anos, originando novas formas religiosas. Nossa história foi caracterizada por uma pluralidade de vozes que se mesclaram e essa mestiçagem tornou-se o principal mecanismo de orientação social no Brasil. As expressões religiosas, em especial, trouxeram uma abundância de

sentimentos, paixões e sensualidade, o que torna possível, com delas, falar de nossa estrutura sincrética.

Não se nega aqui o pluralismo religioso brasileiro. O que se pretende defender é que a diversidade obedece a dois movimentos simultâneos: multiplicação de um lado, homem e se transformam, revestindo o cotidiano de multifacetadas manifestações do sagrado. Por outro lado, há fatores de homogeneidade nesse campo aparentemente caótico.

Existe no processo de adaptação dessas manifestações religiosas elementos de homogeneização originados no confronto de matrizes que povoa o universo brasileiro de sagrado e define modelos de conduta. O caldeirão mistura e processa as diferenças, permitindo a intercomunicação de universos simbólicos por meio do sincretismo e a relativização dos dogmas institucionais, que são substituídas por emoções. Apesar da existência de surtos modernizantes que defendem a purificação das tendências sincréticas, elas estão por demais enraizadas, e tais surtos acabam sucumbindo frente à porosidade da religiosidade brasileira. Discursos modernizantes nunca impediram que o povo brasileiro continuasse a adotar sua conduta híbrida característica, que traz, cada vez mais, diversidade e complexidade religiosa. E é justamente a superposição, essa fusão entre o pré-moderno e o moderno de nossas religiões, que pode inspirar o mundo no caminho da paz.

A mestiçagem no Brasil tornou-se agente da civilização. Somos um País híbrido, o que nos dá identidade e o que pode ser nossa contribuição específica para o mundo. Aprendemos a fundir códigos de uma maneira alegre e festiva, o que gerou uma profunda confraternização de valores e sentimentos das culturas religiosas que compuseram o País. Uma mistura de códigos e pessoas que criou um mundo propício à troca generalizada. A carnavalização da vida favorece o diálogo, já que nos torna abertos a acordos e conciliações.

BRASILIAN MYSTIC MARKET

Abstract: syncretism religious of mystic Brazilian market is featured by the fusion of cults. This fair is not immune to trade with the transcendent, typical of post-modernity, but is made with the colors of the country: it's trade without guilt, without fear of sanction, it's public and festive. This article discusses the process of interaction, coexistence and fusion of these religious expressions.

Keywords: Brazil. Mystic Market. Religion. Syncretism.

Referências

- BARRETO, Maria Amália Pereira. Sincretismo. In: SILVA, Benedito (dir). *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.
- BASTIDE, Roger. *Brésil. Terre dês contastes*. Paris: Hachette, 1957.
- DROOGERS, André. Syncretism: *The Problem of Definition*. The Definition of the Problem. In: GORT, Jerald et al. (Dir.). *Dialogue and syncretism: An interdisciplinary approach*. Amsterdam: W. B. Eerdmans Publishing Co. and Ed. Rodopi, 1989, 7-25.
- FERRETI, Sérgio Figueiredo. *Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural*. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jeferson (dir.). *Faces da Tradição Afro-Brasileiro*. Rio de Janeiro: Pallas, 1999, 113-130.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & Senzala*. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- _____. *Terres du sucre*. Paris: Gallimard, 1992.
- HERVIEU-LARGER, Danièle. *Le pèlerin et le converti: la religion en mouvement*. Paris: Flammarion: Paris, 2000.
- MATTA, Roberto Da. *A Casa e a Rua*. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- MATTA, Roberto Da. *Conta de Mentiroso*. Sete ensaios de antropologia brasileira, Rio de Janeiro: Roço, 1993.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. **São Paulo**: EPU, 1974.
- OLIVEIRA, Pedro R.. Coexistência das Religiões no Brasil. *Revista de Cultura Vozes*, v. 7, p. 35-42, 1977.
- PEREZ, Lea Freitas. Breves notas sobre a religiosidade brasileira. *Brasil 500 anos* - Edição especial, p. 40-58, 2000.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. 'Bye bye Brasil' – o declínio das religiões tradicionais no censo 2000. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 52, 2004, p. 17-28.
- PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, v. 52, 2004, p. 223-238.
- ROSADO-NUNES, Maria José. *O catolicismo sob o escrutínio da modernidade*. In: SOUZA, Beatriz M.; MARTINO, Luís M. (dir.). *Sociologia da religião e mudança social*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 22-36.
- SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. *Horizonte: revista do núcleo de estudos de teologia*, v. 2, 1997, p. 28-43.
- SPERBER, Daniel. *Lé symbolisme en general*. Paris: Herman, 1974.
- VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antônio S.; BARROS, Flávio Pessoa. *A galinha-d'angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 1993.